

# OBSERVATÓRIO DO SETOR

Boletim Semanal | Edição 19

Produzido pela área de Análise Econômica do IBP, o Boletim Semanal entrega uma seleção das notícias mais importantes dos últimos dias, monitoramentos constantes de dados essenciais e gráficos comparativos das cotações dos preços de petróleo, gasolina e diesel.

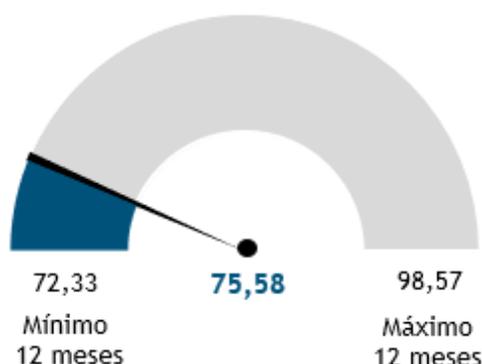
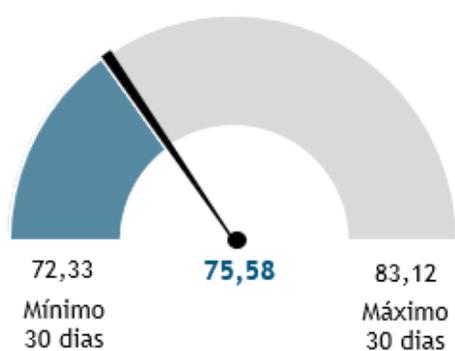
Para dúvidas, sugestões ou comentários, nos contatar pelo [analise.economica@ibp.org.br](mailto:analise.economica@ibp.org.br).

Boa leitura!

## Fechamentos NYMEX: Brent (*front-month*)

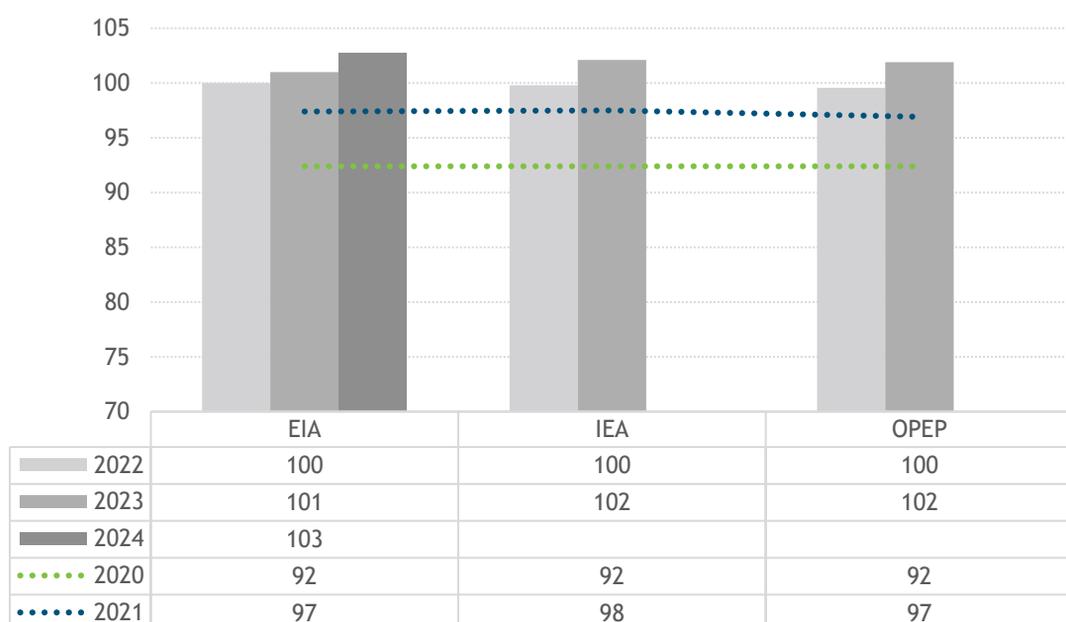
Dia	US\$/barril
15/mai/23	74,55
16/mai/23	74,91
17/mai/23	76,96
18/mai/23	75,86
19/mai/23	75,58

Apesar do aumento dos estoques de petróleo nos EUA, que tem viés baixista para os preços, o otimismo em relação a um acordo entre Democratas e Republicanos para elevar o teto da dívida federal. No fim da semana, esse otimismo se transformou em receio de que o impasse continuará, com potenciais danos para a economia e, consequentemente, o consumo de combustíveis.



## Projeções de demanda por petróleo e revisões das Agências

Milhões de barris por dia (MMb/d)



Variação em relação ao mês anterior		
	2023	2024
EIA	0,1	0,0
IEA	0,2	-
OPEP	0,0	-

Nota: A IEA e a OPEP não divulgaram suas previsões para 2024.

Fonte: Elaboração IBP com dados Investing, EIA, IEA e OPEP

# Notícias Relevantes

---

1. A crise energética, aprofundada pelo conflito entre Rússia e Ucrânia e pelos consequentes cortes no fornecimento de gás russo para a Europa, intensificou a procura europeia por Gás Natural Liquefeito (GNL). Assim, em um esforço para aliviar a crise de energia, muitos países europeus optaram pela construção de terminais de GNL. No entanto, há uma preocupação em torno de uma possível queda da demanda de gás no longo prazo à medida que os países utilizam cada vez mais fontes renováveis. A S&P Global Commodity Insights projeta que as compras do combustível liquefeito atinjam o pico em 2028/29 antes de diminuir na década seguinte, ainda que possam permanecer em níveis maiores do que os de 2022. Por sua vez, a Agência Internacional de Energia (IEA, na sigla em inglês) projeta que a União Europeia pode reduzir seu consumo de gás em quase 45% até 2030. De acordo com o Institute for Energy Economics and Financial Analysis, a capacidade de importação de GNL da Europa pode aumentar cerca de 50% até o final desta década, enquanto metade desse aumento pode ser deixado sem uso em algum momento. Dessa maneira, considerando a possibilidade da diminuição da demanda de gás no longo prazo, há um risco de que os investimentos em infraestrutura levem a ativos ociosos, caso todos os terminais de GNL planejados sejam, de fato, construídos. Contudo, a União Europeia vê a capacidade extra como um possível amortecedor para fornecer segurança energética. Considerando momentos futuros em que pode haver pressão de demanda e outros de demanda mais enfraquecida, a construção dos terminais de GNL exige, portanto, um trabalho importante de gerenciamento de riscos. ([Bloomberg](#))

2. A indústria de gás natural liquefeito (GNL) da Austrália enfrenta um desafio complexo: liderar a transição energética de baixo carbono e continuar produzindo combustíveis fósseis. Durante a conferência anual da Australian Petroleum Production and Exploration Association (APPEA), os produtores de GNL expressaram seu compromisso em impulsionar a mudança em direção à neutralidade de carbono, ao mesmo tempo em que buscam garantir a segurança energética. No entanto, concorrentes como Estados Unidos e Catar vêm expandindo suas capacidades de produção de GNL de forma mais acelerada, o que pode afetar a posição da Austrália no mercado. Assim, os produtores de GNL australianos estão buscando o desenvolvimento de novos campos de gás natural e instalações de processamento, além do investimento de bilhões de dólares na descarbonização da indústria e no desenvolvimento de novas fontes de energia, como hidrogênio e amônia. A indústria argumenta que o GNL emite 50% menos gases de efeito estufa do que o carvão quando utilizado para gerar eletricidade. Além disso, defendem o investimento em mecanismos de captura, utilização e armazenamento de carbono (CCUS) para reduzir as emissões em todas as etapas da cadeia produtiva. Esse grupo também avalia estar bem-posicionado para impulsionar a transição para o hidrogênio e a amônia. Entretanto, a indústria enfrenta desafios significativos, como o longo prazo necessário para a implementação de projetos, a necessidade de aprovações governamentais e ainda os entraves existentes do ponto de vista ambiental. A conclusão da conferência foi de que as expectativas de uma transição energética rápida podem ser irreais, sendo necessário fortalecer os níveis de cooperação entre a indústria, os entes reguladores e os clientes para acelerar o processo. ([Reuters](#))

3. Recentemente, a U.S. Energy Information Administration (EIA) publicou o Short-Term Energy Outlook de maio, no qual indicou um crescimento de 1,6 milhão de barris por dia (b/d) no consumo global de petróleo em 2023. De acordo com a EIA, esse aumento será impulsionado pela demanda asiática, liderada pela China e Índia. Por sua vez, em seu Monthly Oil Market Report, a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) manteve sua projeção de demanda global por petróleo em 2023, indicando aumento de 2,33 milhões de b/d neste ano. O relatório destacou o potencial crescimento da China, ponderando que este pode ser compensado por perspectivas econômicas negativas em outras regiões. Em seu Oil Market Report de maio, a Agência Internacional de Energia (IEA, na sigla em inglês) também ressaltou que a demanda de petróleo na China está acelerando em um ritmo mais rápido do que o esperado. Assim, a agência revisou para cima sua projeção para o crescimento da demanda global de petróleo este ano em 200.000 b/d em relação à projeção do seu último relatório, para 2,2 milhões de b/d. Vale mencionar ainda que a última projeção da IEA aponta para um contraste importante entre a crescente demanda de petróleo nos países em desenvolvimento e diminuição da demanda na Europa e na América do Norte em função de perspectivas econômicas mais pessimistas. No âmbito da análise dos preços do petróleo, tanto a EIA como a IEA afirmaram que os preços mais baixos resultam do enfraquecimento das condições econômicas globais. Por outro lado, na avaliação de Javier Blas, colunista da Bloomberg, foi o excesso de oferta de petróleo o principal responsável pela queda nos preços do petróleo desde o fim do ano passado. Destaca-se que quase toda a produção adicional não prevista veio de países da OPEP+ que estão sob sanções ocidentais, como a Rússia, o Irã e, em menor escala, a Venezuela. Dados da IEA mostram que a oferta de petróleo russo permaneceu mais forte do que o esperado, com as exportações atingindo 8,3 milhões de b/d em abril, seu nível mais alto desde o início do conflito na Ucrânia, contribuindo para a redução dos preços. ([EIA](#), [OPEP](#), [IEA](#), [WSJ](#), [WP](#))

## Destaque da Semana

---

Na última semana, a Petrobras anunciou que sua diretoria aprovou a nova estratégia comercial para definição de preços de gasolina e diesel comercializados por suas refinarias, em substituição à política de paridade de importação (PPI). A nova estratégia comercial usa o custo alternativo do cliente como valor a ser priorizado na precificação, ou seja, as principais alternativas de suprimento, sejam fornecedores dos mesmos produtos ou de produtos substitutos. O valor marginal para a Petrobras também será considerado tendo como base o custo de oportunidade das diversas alternativas para a companhia, dentre elas produção, importação e exportação dos produtos ou petróleos utilizados no refino. Em seguida, a companhia também anunciou reajustes nos preços de alguns combustíveis, que passaram a valer já na última quarta-feira. Com isso, a gasolina A terá redução nas refinarias de R\$ 0,40 por litro, recuo de 12,6%, o diesel A reduzirá em R\$ 0,44 (-12,8%) e o gás de cozinha (GLP) cairá R\$ 8,97 por botijão de 13 kg (-21,3%). ([Valor](#), [Valor](#))

